



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 23 de julho de 1854 – Edição 30

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00030.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 23 DE JULHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

Um baile já não apresenta novidade que não esteja remarcada nas pequenas carteiras do mundo elegante. — Disse-o um escriptor, cujas producções muito aprecio; mas disse-o porque não teve occasião de conversar commigo, ou com outra qualquer pessoa que alimente a mesma idéa que eu tenho de ainda um dia descrever um baile.

Hei de declara-vos, domingo que vem, essa minha idéa, querida leitora, e decidiremos se tenho ou não razão em me oppor à opinião do escriptor.

Por quem sois, não voz zangueis commigo: amo-vos sem vos conhecer talvez; mas amo-vos porque sois uma senhora que sustentáveis este *Jornal*; ser-me-hia penoso se voluntariamente demorasse a vossa curiosidade. Não vos declaro já a minha idéa, querida leitora, porque deu ella um artigo maior do que eu esperava, e a typographia poz-lhe embargos desta vez; demais tenho de dar-vos conta de alguns dos ricos e delicados *toilettes* que estrearão no baile do *Cassino*; ludo isso ia longe, se me consentissem, e o *Jornal das Senhoras* se tornaria enxabido, sem o sal das variedades, tempero essencial da grande panella do mundo.

Se o escriptor, que não acha novidade n'uma baile, estivesse ao canto de algum dos illuminados salões do *Cassino*, e curvaudo-se reverente ante o angélico sorriso da Magestade, ao erguerse lançasse a visla sobre o seu elegante vestuário preto, de subido valor, de um gosto

delicadissmio; diria satisfeito; — Encontrei uma novidade ! *Ella* traja o luto dos soberanos, e o seu ocação as galas do Céu: o pobre e o poderoso tem ali igual valor.

Se depois elle visse passar-lhe, rápido como um — ai! — um *toilette* de meio luto — vestido preto de moire antique, ornado de dous folhos de renda larga com galão de ouro matizado de seda, e sobre os primeiros pannos da frente da saia uma grinalda de rubras rosas semi-abertas, em graciosas sanefas; uma cintura de sylphide; um valsar ligeiro e leve... Que dirieis, escriptor? Não ousou interpretar vossas emoções; porém acredito que havieis de achar muitíssimo adoravel esse *toilette*.

Vós mesmo depois, convertido e preso de amores, serieis o proprio a vir dizer-me que o vestido da Ex.^{ma} Sra. D.Francisca de.... era magnifico — de *drap d'or*, lavrado, azul, com berthe-Fontanges, de filó e de renda de ouro, e folhagem de seda azul. Penteado com enfeite de renda de ouro e folhagem azul.

Que a Ex.^{ma} Sra. D. Delphine M.... trajava um rico vestido de nobre branca com tres folhos matizados, de um bello effeito; cabeção á Fontanges, enfeitado de renda matizada, bordada de frocos e laços de fita dourada.

Que a Ex.^{ma} Sra. D. Luiza F.... tinha um a grandioso vestido de nobreza côr de rosa com tres folhos lavrados, de seda branca, cabeção á Fontanges; grinalda e ramo de rosas de *Ballon*, enfeitando o penteado.

Que a Ex.^{ma} Sra. D. Elvira B.... trajava um lindo e caprichoso vestido de filó azul bordado de prata, enfeitado as saias de tiras de pluínas azuis e branca, regaçadas por flores azuis e plumas brancas.

Que a Ex.^{ma} Sra. D. Josephina R..... estreava um vestido de nobreza de ouro com folhos bordados de seda preta e escarlata, copor á grega; de um magnifico effeito. Sua grinalda e ramo de peito de uvas pretas estavam mesmo de embriagar.

Que a Ex.^{ma} Sra. D. Anna H.... trajava um vestido de muito gosto, de setim cor de canna, coberto de renda preta. Grinalda e ramo de peito, cor de rosa.

Que as delicadas e estimaveis filhas de Ex.^{ma} Sra. D. Anna D....trajavão, ambas, vestidos iguais de uma encantadora propriedade a jovens senhoras solteiras.

Que em geral não havia um só *toilette* que não fosse encantador e de muito bom-lom.

Que finalmente não me dava a relação de todos elles, por serem muitos, e não lhe poder ficar em lembrança as côres dos vestidos, os titulos das sedas, das rendas, das berthes, dos fofos, dos penteados, dos enfeites, e os nomes do todas as quatrocentas e cincoenta senhoras que abrilhantavão o baile do *Cassino*.

E que vos parece?! Pois havia, querida leitora, o espintuoso escriptor havia dizer-me tudo isto; e por fim confessaria — que um baile sempre tem novidade desde que ha moças inlelligenies que lhe fulminão o coração.

Dou-lhe razão: não se diverte com o prazer do seu próximo.

Parece porém que basta tagarellar sobre bailes, querida leitora. Vou fazer uma ligeira observação a respeito do figurino com vestido de manto, que vos offereço hoje.

Está restaurada em França a antiga etiqueta do vestido de manto para as apresentações em palácio ou grandes reuniões de côrte. As senhoras neste *toilette* podem trajar sedas de côres claras, sendo o manto sempre da mesma fazenda e côr do vestido. Para nós tal etiqueta não está em voga, comquanto algumas senhoras de côrte estrangeira já se tenham assim apresentado no Paço da Boa Vista; tirai porém desse *toilette* o gracioso manto, e ficareis com um riquissimo vestido de grande baile de côrte.

E boas noites, querida leitora.

Christina.

Cattete, 21 de Julho.

DESCRIÇÃO DAS ESTAMPAS.

ESTAMPA N. 386.

VESTUARIO PARA GRANDE REUNIÃO DE CORTE, E PARA BAILE TIRANDO-LHE O MANTO.— Penteado de corte, cabelo á *Eugénie*, ornado de plumas e barbas de renda presas á trança, fluctuando sobre as costas.

Vestido de *moire antique*, côr de rosa, com tres ordens de folhos de renda, ponto de Inglaterra, guarnecendo a saia. Sobre a costura de cada folho circula uma ordem de primorosa folhagem prateada, cujo trabalho, avaliando pelas amostras que temos á vista, é de uma delicadeza inexplicavel. São pequenas folhas de seda abrilhantadas aqui e ali por um tecido irregular de fio de prata, presas umas ás outras em guiza de fita, que se cortão á disposição do enfeite, ou tomão as fórmulas que se lhes quer dar.

Cabeção de pregas soltas, adiante e atraz, guarnecido de um apanhado de renda, ponto de Inglaterra.

Corpo de bico, adiante e atraz. Mangas fofas muito curtas.

Manto de *moire antique*, cor de rosa, enriquecido por uma guarnição de renda, ponto de Inglaterra, orlada com a mesma folhagem, e um fofo estreito resguardando o recortado da renda.

ESTAMPA N. 592 .

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA NO INVERNO.— *Robe de chambre* de cachemira, com *casaweck* da mesma fazenda, orlado de fita de veludo, mangas mui largas enfeitadas de franja de côres.

Meia touca ornada de laços de fita de veludo azul, de pontas fluctuantes.

VESTUARIO DE PASSEIO.— Vestido de nobreza preta com dous folhos de disposição, listrados, de setim verde.

Pelisse de nobreza, da mesma côr, com capuz, enfeitada com iguaes disposições dos folhos.

Chapéu de veludo verde, ornado de plumas verdes, crespas, de um e outro lado.

— 235 —

CHRONICA DOS SALÕES

Que semana, queridas leitoras! Como animados e brilhantes estiverão os nossos elegantes salões! E não adiviniais quem motivou tanta animação no *mundo elegante fluminense*? — O baile do *Cassino*; mas o baile do *Cassino* honrado por Suas Magestades Imperiaes. Foi bastante o annuncio, para se operar um extraordinario movimento nos circulos do *grande tom*, e todos os nossos brilhantes salões estiverão concorridos e animados durante a semana.

Não vos fatigarei com a narração do pomposo baile do *Cassino*, na noite de segunda-feira, com a sua concurrencia de mais de oitocentas pessoas; não; nada vos direi a esse respeito; essa bella missão compete á nossa linda e espirituosa Christina; ella já vos descreveu tão bem o baile e os seus lindissimos *toilettes*, no principio desta folha, que seria uma verdadeira profanação, ainda demorar-me sobre este assumpto.

Mas tenho muita cousa que vos contar, muitos bailes, muitos *soirées*; que esta semana foi toda ella alegre e animada, como um estudante em férias.

Fallemos do baile da *Vestal*. O Ex.^{mo} Sr. D. Antonio de Saldanha tem levado esta sociedade ao auge do brilhantismo; e addicionando agora aos bailes a cantoria, tem chamado ao seu salão uma escolhida concorrência. Na noite de sabbado concorrerão ao baile duzentas e oitenta e seis senhoras, e trezentos e quatorze cavalheiros: a abundancia e o brilho das luzes, o trajar delicado e escolhido das bellas moças, seu espirito elevado, suas graciosas maneiras, a viveza dos olhos, e sobretudo a parte harmoniosa do baile, fizerão com que se passasse uma noite deliciosa. As senhoras que cantarão, e o cavalheiro, de tão bella e excellente voz, extasiarão. Mas o que esteve acima de todos os nossos elogios foi a rabeca do Sr. Francelino Moura, artista pernambucano, que n'umas difficeis variações demonstrou todo o seu talento musical; e a fantasia de piano executada por uma gentil e formosa menina de oito annos de idade.

E a brilhante pleiade de lindas moças que aformosearão o salão? A bella C....., com sua viveza, seu espirito, seus bellos olhos pretos, era uma das estrellas do baile; as duas filhas do presidente, dous anjos; a sua prima, uma fada. Mas um vestido de setim rosa, com quatro folhos que realçavam um esbelto talhe, era uma sylphide que arrebatava a imaginação! E muitas outras bellas, e muitos outros anjos, que enumerar-os seria bastante longo.

No domingo, para o lado do Botafogo, gozou-se uma bella noite, dançando-se e cantando-se. A Ex.^{ma} Sra. D. R...., na aria do *Ernani*, esteve divina, e a Ex.^{ma} Sra. D. M. J.... arrebatou irreflectidos applausos, quando ao piano executou as mais difficeis variações, de gosto, que tenho ouvido. Erão annos da mimosa filha de um nosso bravo militar.

Na terça-feira, para commemorar o primeiro anniversario de um feliz casamento, houve um modesto chá n'um dos arrabaldes de S. Christovão, aonde lindissimas moças e espirituosos mancebos passarão uma noite divertida. Cantou-se muito, e pouco dançou-se; mas houverão bonitos improvisos, primando uma joven Catharinense, e o Sr. Innocencio Rego, que depois de um bem traçado soneto, sobre o assumpto do dia, improvisou lindas letras á modinha brasileira — *Alta noite!* — e que forão cantadas tão divinamente pela Ex.^{ma} Sra. D. Emilia.....

Na quarta-feira os Militares derão a sua reunião de recreio, e como sempre tocou ao brilhantismo. A numerosa e escolhida concorrência, com o que ha de mais elegante nos circulos fluminenses, o *bouquet* de tantas lindas moças, com os mais ricos *toilettes*, e a amabilidade dos nossos distinctos defensores da patria, que não cessarão de prodigalizar immensos obsequios aos seus numerosos convidados, tudo tornou esse baile mui brilhante, e hoje é o segundo baile da côrte.

A maior parte das senhoras distinguirão-se pelo bom gosto e riqueza de seus *toilettes*, e mereirão por isto menção honrosa um lindo vestido de sela de Italia côr de palha, um bello

toilette rosa de seda *bayadères* de folhos bordados (de Wallerstein), e um de nobreza furta-côres, e dous outros brancos de *brocatel*. No numerozo concurso de tantas lindas moças, tornarão-se dignas de toda a attenção as duas jovens irmãs, toucadas de azul, lindas e encantadoras por demais a ameigar affeições n'um terno e sensível coração; as duas irmãs de *toilette* de bareje de seda escarlata, com basquines de filó branco; as duas irmãs vestidas de nobreza côr de canario; a interessante flor de um dos nossos arrabaldes; e muitas outras jovens senhoras.

Na quinta-feira a sociedade *Recreio Fluminense*, deu tambem a sua reunião, que esteve muito concorrida: a representação foi o melhor possivel; os intervallos mais que interessantes, e o baile muito animado.

Muitas das principaes flores dos nossos salões lá estiverão conquistando milhares de adoradores. A mimosa C..... as duas irmãs, que morão na rua de S. Diogo; a *sympathica* M. I....; a feiticeira J..... e a encantadora E.....; tudo isto formava uma corôa de estrellas que coroava a reunião da sociedade — *Recreio Fluminense* — com mil encantos e seducções.

E esta? — não me ia esquecendo contar-vos que a *Harmonia Nitcheroyense*, deu no sabbado tambem o seu baile mensal, que foi por demais numerozo e brilhante! Não me perguntem porém quaes erão as lindas moças que lá estiverão porque a vossa Francina não pôde emitir a sua opinião, visto que não esteve no baile; salvo se quizerem estar pelo que lhe contou um dos nossos *dandys* que deixou o baile da *Vestal* pelo da *Harmonia*. (....) *scholisch* como um perfeito *elegante*, disse-me que as moças mais lindas erão, a bella Argentina, a mimosa Carolina, a *sympathica* L....., e o

— 236 —

bonito *toilette* azul de *moire antique*. Mas eu confesso que não sei se devo acreditar nisto: este joven tem demonstrado tão máu gosto nas suas escolhas, que é bom não nos guiarmos muito pelo que elle diz.

Para a completa animação e brilhantismo da semana, casarão-se duas bellas e interessantes jovens brasileiras, mimosas flores dos nossos elegantes salões: praza ao Céu que um futuro todo venturoso corôe a união destes conjuges.

A semana finda-se com o baile da *Campestre* hoje; para elle nos vamos preparar, e por isso envio um abraço ás minhas amaveis leitoras, e um adeus até domingo.

Francina Oscenia.

22 de julho de 1854.

AMOR, CIUME E VINGANÇA.

NOVELLA BRASILEIRA

I.

Aquelles que já navegarão pelo rio de Iguassú devem recordar-se de uma vasta e bella campina, situada á sua margem direita, e distante tres leguas da barra. No meio della está edificado o convento de S. Bento, velha, pequena, mas pitoresca igreja, rodeada de vinte a trinta choupanas. O rio magestosamente atravessa a campina, despejando suas brancas aguas por entre mil bellezas naturaes, amenas planicies, lindissimas montanhas. De um lado se avista a freguesia de N. S. do Pilar, querendo elevar tectos e a torre esbeltas de sua igreja alem do cimo das arvores, que em vão pretendem encobril-os. O silencio da solidão enche no entanto todo este sitio aprazivel; apenas vem por vezes interrompel-o o monotono cantico dos barqueiros que paixão. Tudo parece manifestar o nada da existencia a par dos prazeres mundanos, o silencio do tumulto ao lado das alegrias da vida; tudo enfim, revela a immensidade da natureza, o poder do Creador, e a fraqueza do homem.

Oh! que felicidade não é o respirar essa athmosphera melancolica dos bosques, esse aroma virginal das florestas! Ditoso aquelle que, desdenhando pequenas ambições do mundo, esquecido de prejuizos, nasce, vive e morre de todos ignorado, e, entretanto, gozando das delicias da natureza, no proprio seio dos prodigios da grandeza do Creador! Como então docemente se desliza a vida do homem, sem sobresaltos e sem dôr, longe dessas angustias mortaes, desses tormentos da sociedade que só servem para debilitar as nossas faculdades moraes, e, de envolta com ellas, estragar o corpo, e preparar o sepulcro! Vida serena, tranquilla, como aquella que devem viver os anjos no paraíso.

Ali, em uma daquellas pequenas choupanas, nasceu, educou-se e chegou á idade de 15 annos a mais bella e formosa donzella que jámais virão semelhantes logares. Havia tanta graça em toda a sua physionomia, tanto meiguice no seu sorriso, tanta candura no seu olhar que ninguém a poderia ver e resistir a seus encantos.

Maria era seu nome, nome de bella sem duvida; nome da Santissima Virgem, que exprime toda a doçura de uma alma candida, que revela toda a pureza de um coração de anjo. Ella havia passado os bellos periodos de sua infancia ao lado de Adolpho; a par dos annos que roubava ao tempo, sorvia o nectar das paixões, saboreava as delicias do amor. E elle tambem a estimava como sua irmã, amava-a já como sua esposa, e adorava-a como se fôra a propria mãe do Redemptor, que dos céos baixasse para salvar os homens.

Um amor destes não se extingue... Foi o alimento da infancia, cresceu e progrediu com os annos, sancionou-se com os primeiros abraços, os primeiros osculos e os primeiros carinhos que balbuciação dous entes, apenas encetando a carreira da vida; amor puro, sincero, vehemente, profundo, eterno, que sobrevive á propria existencia no mundo.

Quererieis por ventura arrancar-lhes d'alma essa paixão de fogo, esse sentimento puro do coração? Mas já elle se havia empossado de todas as suas faculdades. — Não era mais tempo para dizer ao coração: não sintas, não lhe consagres adoração. — Nem forças humanas, nem poder divino seriam capazes de servir de obstaculo, de oppor-se á torrente de seus destinos.

Suas almas jovens, candidas e puras, estavam fortemente dominadas pela paixão; e mais facil seria fazer parar o sol, como Josué; abrir passagem por entre as ondas irritadas do Oceano, como Moysés; arrancar do cahos o mundo, como o Creador do Universo, do que obrigar esses corações a não palpitarem mais um pelo outro.

Já a capella do convento tinha ouvido seus juramentos de eterno amor; mutuas promessas de perpetua estima haviam elles feito perante Deus. Sua existencia, sua vida, estava ligada a essa paixão, della dependia. Deixai-os, portanto, amar-se.

II.

Um triste acontecimento, porém, veio perturbar a alegria dos dous amantes. O velho Alberto, pai de Maria, vivia de lavoura, e estava bastante endividado para com um negociante de escravos do Rio de Janeiro, que lhe havia vendido alguns a mui subido preço; e o barbaro credor ha tempos que o ameaçava com uma penhora em seus bens. Não contente de (...) gir o infeliz velho, esse deshumano quer ainda gozar do prazer brutal de o ver a seus pés, implorando

— 237 —

a graça de alguns mezes de espera para seu total embolso. Deixa a cidade, chega a S. Bento, e vai hospedar-se em casa de um visinho de Alberto, seu particular inimigo, na intenção de ainda mais prejudicar a sua reputação.

A vista, no entanto, de Maria basta para abrandar esse coração de pedra, basta para submeter e curvar essa alma de bronze, habituada ao infame trafico da carne humana. Elle se esquece da divida, implora o perdão das offensas, e depõe nas mãos da formosa donzella a sua sorte e a sua vida.

Como poderia Alberto recusar-lhe a na mão de sua filha? Comprava, é verdade, a felicidade della, mas á custa da sua honra, de sua reputação, que se achava empenhadas na mão desse homem egoísta. E, acaso, as circumstancias pecuniarias de seu pai não impunhão a uma filha virtuosa o amante o dever de por elle sacrificar-se? Não devia ella deixar de parte seu amor, esquecer-se de seu amante, e resignar-se á sorte que lhe offerecia?

Sim, e a candida Maria o prometteu fazer; infeliz para sempre seria, é verdade, porque ella não amava esse homem, antes o aborrecia, mas salvava seu pai, salvava aquelle a quem devia a existencia, que agora lhe convinha sacrificar em pagamento.

Chorou e bastante, foi o unico lenitivo que teve: as lagrimas, com quanto mitiguem a dôr, não nos roubão, comtudo, o soffrimento. No dia seguinte, sem que nada contasse a seu amante, sem que mesmo pudesse dizer o adeus, talvez derradeiro, embarcárão-se todos em uma lancha de Iguassú que seguia viagem para o Rio de Janeiro.

Oh! como devia ser triste e pezoroso o momento em que ella deixou o seu berço, a terra dos seus amores!... Não é um sonho de imaginação a dôr que então nos opprime; antes o fosse, porque a realidade breve substituiria tão duro presente, porque sempre a esperança abrandaria o actual soffrimento.

Deixar a terra onde correu a nossa existencia limpida e tranquilla, como um desses regatos que doce e mollemente se despenhão por entre perolas e diamantes! Desamparar o paiz onde á sombra das arvores, ao ruido das torrentes, ao rumor dos bosques, ao susurro dos ventos, mil vezes nos repousámos de nossas fadigas, mil vezes recuperámos a vida!

Deixar o logar em que soltámos o primeiro gemido, balbuciámos a primeira palavra, e ainda no pantanal da vida aprendemos a recitar uma supplica branda e innocente por aquelles que nos abrirão as portas della!

E o amor que ali pela primeira vez sentimos e conhecêmos, primeiro amor d'alma e do coração, que resiste ao tempo e a suas phases, á idade, e á sua mesma inconstancia! Oh! sem duvida que ella, essa rosa que então começava a desabrochar aos raios da madrugada, tinha toda a razão de soffrer, chorar e maldizer o seu destino!

Quando aos olhos de Maria foi pouco á pouco desaparecendo o convento de S. Bento e o arraial que o circumda, ella não pôde sustêr-se, e, repousando sua ronte abrasada sobre os braços de seu pai, desfez-se em copioso pranto.

— São saudades da terra natal, disse o velho Alberto.

— Oh ! meu pai, já vos esqueceste delle... Eu nunca o poderei fazer...

Um anno é decorrido depois desse dia tristonho em que deixou Maria o seu paiz natal. Ella se havia casado no Rio, e conservava seu pai em sua companhia. Acaso teria esquecido Adolpho? Nos braços de outrem, no meio dos suspiros voluptuosos de esposa, não escaparia um, dedicado a esse que outr'ora dominára seu coração, attrahiria seu pensamento? E correria, por ventura, sua vida no seio dos prazeres e da felicidade domestica?

Ao menos, se alguma dôr lhe estreitava o coração, soffrimentos domesticos lhe encravaão a existencia, ninguém o sabia. Era um segredo entre ella e o Céu. Seu proprio pai o ignorava, e a considerava feliz, já porque ella o enchia de carinhos, já porque de nada se queixava, cumprindo sempre os deveres de boa e obediente esposa.

Adolpho e Maria, desde esse dia terrivel da separação, não se tinham mais visto.

Elle, apenas soube que ella estava ligada a outro homem, que já não podia ser sua, que o fio de seus destinos se havia para sempre rompido, vendeu o que possuia em S. Bento, deixou o logar em que nascêra, e em que amára... e foi estabelecer-se na villa de Vassouras, que se acha situada em cima das Serras, a doze legoas de distancia de Iguassú, e seis de Valença.

Comprou uma pequena fazenda situada no mais aprazivel logar daquelle districto. Estava a casa de vivenda edificada em cima de um monte lindissimo; dir-se-hia uma corôa de brilhantes cingindo a fronte de monarchas. Uma vasta campina eutrecortada por um pequeno regato se extendia adiante della, ate perder-se na seio de uma immensa e magestosa floresta. Adolpho ia por vezes ali mitigar sua dôr, alliviar seu soffrimento. A grandeza do Creador parecia cifrar-se toda naquella floresta. Arvores gigantescas elevavão suas fronte até ao perder de vista, atravessando pitorescamente os ares, e balançando seus ramos ao pequeno sopro da athmosphera. Outras erguião-se da terra esbeltas e direitas, parecendo levar aos pés de Deus as preces do homem. — Aquellas, como que não podendo sustentar-se, corcovavão-se todas, como serpentes que se enrolão... E' sem duvida uma floresta virgem o mais pomposo espectaculo do Brasil, o unico que revela toda a magnificencia da natureza, toda a força do Creador e toda a magestade do solo.

Era a noite do setimo dia de abril. Uma terrivel tempestade fazia estremecer e roncar as serras chamadas do Verneck. As tropas e os passageiros estavam todos arranchados nas pequenas choupanas de palha, que, de distancia em distancia, se succedem na serra. As arvores curvavão com a força do vento, gemendo, como que

com dôres agudas. Ecurissima era a noite, e a chuva vinha augmentar o seu horror, precipitando-se com força desusada sobre a terra. A's vezes um surdo rumor tirava a monotonia desse terrivel espectaculo, erão algumas pedras, alguns troços de arvores que a força da tempestade arrancava a seus logares, e rolava pelos immensos precipicios.

Os raios não faltavão, e a natureza inteira mostrava-se irritada contra os homens. Algum grande crime terião elles commettido?

Adolpho achava-se deitado em um rancho chamado pelos viajantes do alto da serra. Elle estava estupefacto á vista de tal espectaculo, e admirava com enthusiasmo o poder do Creador. E seu pensamento, como que transferindo-se para logares mais bellos, para noites mais felizes, para espectaculos mais encantadores, lhe trazia a reminiscencia dos sonhos da sua infancia, dos seus amores... Elle ainda pensava nella!

Pouco a pouco foi-se abrandando a tempestade, e cessou a chuva. E, neste momento, passou um homem a cavallo, acompanhado por um pagem, e ia descendo a serra.

— Audacioso! disse Adolpho, assim zomba do poder de Deus a misera creatura! Assim se atreve esse homem a não respeitar a desordem da natureza, e a arriscar-se, no meio da noite tenebrosa e funebre, a perder-se pelos precipicios que se encontrão a cada passo nesta estrada! Oh! Essa imprudencia commetteria eu, mas só se ella m'o ordenasse!... Ella! sempre ella! Para que, ó meu pensamento, me has de sempre recordar os antigos e felizes momentos! Minha alma está cansada de espectaculo; basta, deixa-a tranquilla e pacifica!

E, alguns minutos depois, ouviu-se um grito, como que escapado a uma pessoa em criticas circumstancias, em apuro de vida; um desses gritos dolorosos que exigem prompto soccorro...

Adolpho levantou-se, chamou seu pagem, lançou mão de umas pistolas que trazia nos coldres do sellim, e, sem receio, sem temor, precipita-se fóra do rancho, corre para o lado d'onde parecia vir a voz que o chamava, e desaparece breve.

Foi triste a scena que elle presenciou; luctava um homem contra tres assassinos; o sangue lhe corria a jorros de uma ferida; a seus pés estava morto um cavallo, atravessado por uma bala. A alguns passos d'ahi corria um escravo gritando e pedindo soccorro. Adolpho e o seu pagem lanção-se no meio do combate; os assassinos fogem, e o homem cahiu desfallecido..... Esse homem era Frederico, esposo de Maria e rival de Adolpho!!!

(Continúa.)

AISOLINO E ISOLINA.

CANTO I.

Trotava ao clarão da lua
No seu mais negro corsel
Cavalheiro desditoso,
Tambem amante infiel.

Já tinha deixado o pagem,
Nem d'elle querer sabia;
Por debaixo da couraça
Seu peito triste batia.

Com a viseira cahida,
As armas de negra côr,
Infundindo á todos ia
Geral respeito e terror.

De quando em quando do peito
Longo suspiro tirava,
Mas logo sobresaltado
Ao seu silencio tornava.

CANTO II.

Arruinado castello
N'um ermo se erguia,
No qual a grande ruina
Da mão do tempo se via.

Outr'ora já foi feliz,
Outr'ora já foi ditoso,
Quando o velho castellão
Se julgava venturoso.

Já teve pagens, criados,
Lindos cysnes e pavões,
Mas hoje do seu passado
Só possui recordações.

CANTO III.

Longos annos são passados
Em que da desgraça a mão
Afastou desse castello
Joven, extremoso Infância.

— 239 —

Convidado á Palestina
Pelas leis de cavalleiro,
Partiu, enristou a lança ,
Primo dever de guerreiro.

Aisolino amava então ,
E na hora da partida
Jurou eterna constancia
A' sua bella querida.

Ella chorosa em seus braços
Entre soluços jurou
Ser fiel a seu amante,
Seu juramento guardou.

« Aisolino, ella dizia,
« Não debes te arreceiar,
« Juro amar-te com ternura,
« Minha firmeza mostrar.

« Porém, querido guerreiro,
« Meu caro.... meu Aisolino,
« Meu coração me prediz
« Um máo, terrível destino.

Offendido o cavalleiro
Por ouvir tal confissão,
Tirou o pesado elmo
E disse á querida então :

« Juro á fé de cavalleiro,
« De ser-se sempre leal;
« Se quebrar meu juramento
« Tenha uma morte fatal.

« Minha lança não se entriste,
« Meu corsel não me obedeça,
« Meu elmo role por terra,
« Com elle minha cabeça.

« Minha idéia entre guerreiros
« Seja tida com horror,
« Passe por fraco, covarde,
« Por cavalleiro traidor.

Despediu-se de Isolina,
Beijou-lhe a mimosa mão,
Partiu do nobre castello,
Dez horas soava então.

CANTO IV.

Galé sulcando ligeira
Bravo mar logo partiu;

Nella seguiu um guerreiro;
Nella Aisolino seguiu.

Levanta no seu escudo
Motte por elle gravado
Cujas a lettra só diziam
Ser fiel, tenho jurado.

CANTO V.

Partido havia Aisolino
O cavalleiro infiel,
Isolina desditosa
Julgava tel-o fiel.

Tinha, presente na idéia
Seu ar nobre e magestoso,
Presente na idéia tinha
Seu juramento horroroso.

A pura, casta Isolina,
Que o amava com ternura,
Não suspeitava Aisolino
Capaz de quebrar a jura.

« Elle me ama, dizia,
« Ser delle tambem eu juro,
« A fria morte consuma
« Aquelle que for perjuro.

« Nem póde um bravo guerreiro
« Igual ao meu Aisolino
« Zombar da fraca donzella
« Que lhe entregou seu destino.

« Cavalleiro que tal ousa
« Sua dama atraçoar
« Não é, não é cavalleiro,
« Não sabe as armas honrar.

« O meu honra sua lança,
« Dá braço á sua espada,
« Guia afouto o seu ginete
« Pela gloria sublimada.

« Quando farto de victorias
« Vier lá da Palestina
« Ha de apertar em seus braços
« Sua fiel Isolina.

« A' meus pés ha de depôr
« Seus tropheos, e louros seus;
« Ha de dizer-me: Isolina,
« Por ti os ganhei, são teus.

« Vem commigo, minha bella,
« Vem, á face do altar;
« Vem c'roár nossa ventura,
« Nossos amores c'rôar. »

Isolina, a mui constante,
Esses pensares fazia....
Ah! triste! distante estava
Do futuro que antevia.

(Continúa.)

Pouco tenho a dizer-vos hoje, queridas leitoras, a respeito de musica, pois que a semana foi toda de bailes, e nenhuma publicação se fez digna de reparo. No entanto devo recommendar-vos a bella e animada quadrilha — *Le Sylphe* —, por Longéville, que muito tocada foi durante estes dias; e igualmente a graciosa valsa — *D. Sabina* —, que é linda e *coquette*, mesmo como uma Hespanhola. Tanto a quadrilha como a valsa já forão publicadas, e vende-se em casa do Sr. Salmon, rua dos Ourives n. 60.

Tambem a quadrilha — *A Russiana* — foi tocada em alguns bailes, e ouvida com geral agrado, pois que ella é por demais encantadora para não fascinar com a sua animada musica. Esta quadrilha vende-se em casa do Sr. Coelho, rua do Ouvidor, esquina da dos Ourives. Nesta mesma casa vende-se a formosa valsa — *A Flor da Esperança* —, composição da distincta Mineira a Sra. D. Francisca Pinheiro de Aguiar, e offerecida ao Sr. Innocencio Rego; valsa cuja primeira edição tinha sido esgotada, e que se acha agora reimpressa.

E' tambem digna de existir sobre a vossa estante de musica, imperando como uma rainha soberana, a mimosa arieta sobre Marco Spada — *Vous pouvez soupirer*. E' linda como os labios de uma moça formosa, e tem encanto como o primeiro beijo de amor. Vos a achareis em casa do Sr. Salmon.

Devo dizer-vos, queridas leitoras, que o Sr. Francelino de Moura é um grande talento musical: uma noite destas o ouvimos na sua divina rabeca executando bellas e difficeis variações, que nos parecerão cousas sobrenaturaes. Erão os queixumes de uma alma angustiada, os suspiros de um saudoso coração, os trinados do nosso sabiá, o serpear dos nossos regatos, e o sussurro dos nossos palmiteiros! Quem o ouvisse, tão senhor de seu instrumento, vencendo as difficuldades, que outros antes d'elle o havião leilo — *maestros* estrangeiros, saudaria, como nós, enthusiasmada, a esse talento musical nascido nas margens do nosso formoso Beberibe.

Joanninha.

ANECDOTA.

Certa senhora, que tinha o pé bastante grande, mandou chamar um sapateiro, dono de um immenso nariz, para lhe fazer uns sapatos: ao apresentar-lhe o pé, o mestre recuou dizendo — Safa! como é comprido! — A dama disfarçou; e quando o mestre puxava pela craveira, ella lhe disse, com ar muito risonho: — Não se incommode, Sr. Agostinho; póde retirar-se, pois no seu nariz leva a medida do meu calçado.

CHARADAS.

Se o alvejar das cãs inculca idade,
 Adôrno da velhice eu sou às vezes;
 Os rapazes que outr'ora me insultarão
 Soffrêrão pela injuria mil reveses. 2

Na carreira veloz qual raio aceso,
 Do monte me despenho com furor;
 Ditoso o viajante, que na Arabia
 Em mim refrigerasse o seu ardor. 2

De todos é logar mui conhecido,
 E' dos filhos de Christo respeitado;
 Homem! Curva-te, adora-o, pois um dia
 Ali foste da culpa resgatado!!

R.

Sou pronome primitivo; 1
 Sou da musica tambem; 1
 E de Labão sou a filha
 Mais feia d'entre as que tem. 2

A qualquer moça
 Me podem dar
 Logo em pequena
 No baptisar.

Das theologaes uma sou ; 1
 Assim fiz quando estudei ; 1
 Sem fallar, alguém chamando,
 Desta maneira chamei. 2

Por feminino
 Nunca me tomem

Mas por usado

Nome de homem.

Acompanha este n.º 30 duas estampas com figurinos de baile e de passeio.

TYP. DO *JORNAL DAS SENHORAS*, RUA DO CANO N.